

Pesquisadora ou militante? Análises do pesquisar (sobre)implicação

Researcher or activist? Analyses of researching (over)implication

Alessandra Lacaz; Pâmella Passos; Williana Louzada

Organização de Direitos Humanos Projeto Legal; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro; Instituto Municipal de Assistência a Saúde Nise da Silveira

RESUMO:

Este artigo buscou trazer à tona alguns dos embates vividos no processo de uma pesquisa de doutorado, em que se teve como temática acompanhar o funcionamento e as implicações das *lan houses* nas favelas de Acari e Santa Marta, cidade do Rio de Janeiro (RJ). Na confecção deste texto fizemos um recorte na pesquisa para discutir e compartilhar alguns aspectos que permearam a composição dos lugares do pesquisador e do objeto de pesquisa neste processo e os conflitos da pesquisadora no que tange a tal lugar e ao que se denomina pesquisar. Para tanto, nos aliamos às ferramentas da Análise Institucional Francesa, mais especificamente ao que René Lourau designa como análise de implicações.

Palavras-chave: análise de implicações; favelas; *lan houses*.

ABSTRACT:

This article intended to bring to light some of the conflicts experienced in the process of a doctoral research, which had as theme monitorate the operation and implications of lan houses in the slums of Acari and Santa Marta, in the city of Rio de Janeiro (RJ). Making this text we made a cut in the research to discuss and share some aspects that permeated the composition of the places of the researcher and the research object in this process and the conflicts of the researcher in relation to such place and to which is called to research. Therefore, we covenant to the tools of French Institutional Analysis, more specifically to what René Lourau designates as analysis of implications.

Key-words: analysis of implications; slums; lan houses.

Mais do que das intenções, eu gostaria de apresentar a paisagem de uma pesquisa e, por esta composição de lugar, indicar os pontos de referência entre os quais se desenrola uma ação. O caminhar de uma análise inscreve seus passos, regulares ou ziguezagueantes, em cima de um terreno habitado há muito tempo.

Michel de Certeau

Este artigo traz como cerne alguns dos embates vividos no processo de uma pesquisa de doutorado intitulada *Lan house na favela: cultura e práticas sociais em Acari e no Santa Marta*¹, em que se teve como temática acompanhar o funcionamento e

as implicações das *lan houses* em favelas, entendendo-se que tais estabelecimentos, nos territórios onde se encontram, têm um papel bem mais amplo e complexo do que apenas possibilitar o acesso à internet.

Neste texto traremos, em especial, alguns aspectos que permearam a composição dos lugares do pesquisador e do objeto de pesquisa neste processo e os conflitos da pesquisadora no que tange a tal lugar e ao que se denomina pesquisar. Para tanto, nos aliamos às ferramentas da Análise Institucional Francesa, mais especificamente ao que René Lourau designa como análise de implicações.

Implicado sempre se está. Mas como manejar uma análise sobre o modo como nos relacionamos com o tema de nossas pesquisas ou, ainda, com o campo que nos propomos pesquisar? “A implicação define-se como o processo que ocorre na organização analítica, em sua equipe, como resultado de seu contato com a organização analisada. (...) É ao mesmo tempo um processo político, econômico, social, etnológico heterogêneo que deve ser examinado em todas as suas dimensões.” (BAREMBLITT, 2002: 136)

Exatamente a partir dessa compreensão acerca das implicações, tomando-as como inquietações que nos perpassam no decorrer da construção e realização de uma pesquisa, é que nos distanciamos da ciência positivista, que se pretende neutra, e afirmamos objetos forjados no próprio percurso da pesquisa. Assim, a análise das implicações constitui uma ferramenta que nos serve à desnaturalização de expectativas e pré-conceitos sobre a pesquisa, o campo e o objeto, diluindo fronteiras entre tais esferas e tornando-as maleáveis e discutíveis durante o processo de pesquisar.

Nesse sentido, campo, objeto e pesquisador não são preexistentes, mas co-emergem à medida que lançamos luz ou tiramos o foco de iluminação de determinadas variáveis (NASCIMENTO e COIMBRA, 2008). Trata-se, portanto, de afirmar um outro modo de pesquisar que escapa das formatações prontas e que nos possibilita sair do lugar arrumado do cientista para nos misturar com o campo e, nessa mistura, nos aproximar daquilo que, muitas vezes, fica ausente do trabalho final. Interessa-nos aquilo que fica de fora, os desacertos, as indecisões, os desvios e dificuldades. Isso também compõe a pesquisa e a constitui.

A questão não está no implicar-se, visto que isto é inerente a todo e qualquer processo, ainda que por meio da indiferença. A chave da potência está na análise do inevitável, ou seja, de nossas implicações. “A análise de implicações traz para o campo da análise sentimentos, percepções, ações, acontecimentos até então considerados

negativos, estranhos, como desvios e erros que impediriam uma pesquisa/intervenção de ser bem sucedida.” (NASCIMENTO e COIMBRA, 2008: s/p.).

Nesse sentido, Lourau (1990) destaca como podemos nos voltar a isso que os sentimentos, percepções, ações, acontecimentos, trazem para o campo: “O útil ou necessário para a ética, a pesquisa e a ética da pesquisa não é a implicação – sempre presente em nossas adesões ou rechaços, referências e não referências, participações e não participações, sobremotivações e desmotivações, investimentos e desinvestimentos libidinais..., mas a análise dessa implicação.” (LORAU, 1990: 4)

Lourau utiliza, ainda, outro conceito-ferramenta que denominou “sobreimplicação” e que é fundamental para compreendermos o processo de rompimento que fica claro nesse contexto, em especial durante a realização de uma pesquisa. Buscando, portanto, fazer essa diferenciação, nos utilizamos do autor, que explicita: “A implicação é um nó de relações; não é ‘boa’ (uso voluntarista) nem ‘má’ (uso jurídico-policialesco). A sobreimplicação, por sua vez, é a ideologia normativa do sobretrabalho, gestora da necessidade do implicar-se”. (LORAU, 2004:189)

A sobreimplicação denota uma diminuição no grau de transversalidade², que é, esta última, a potência de diferenciação em processos já instituídos. Nesse sentido, o processo de pesquisar é permeado por nossas implicações e sobreimplicações, que nos compõem, atravessam, e também ao campo. Neste artigo, queremos justamente trazer uma experiência em que tais processos puderam ser colocados em análise como parte do percurso da pesquisa, colocando em cena os incômodos, as inquietações e as análises empreendidas nesse período.

Sobre a pesquisa e os campos

O cenário estava escolhido: a cidade do Rio de Janeiro, por meio de dois territórios distintos - Acari e Santa Marta. Duas favelas em zonas diferentes da mesma cidade, com cotidianos tão diversos que denotam principalmente os interesses privados que dominam e gerem os investimentos econômicos e sociais no Rio de Janeiro. A pesquisa buscou se aproximar não das mazelas dos espaços populares, mas das suas riquezas, da pluralidade, do cotidiano de alegria e reinvenção que conhecemos, a cada dia acompanhado nas favelas de Acari e Santa Marta. E aqui, cabe explicar: por que essas e não outras favelas?

A primeira comunidade que escolhemos trabalhar foi Acari, na zona norte do Rio de Janeiro. Cabe destacar que nesse momento, início de 2009, a orientadora da

pesquisa³ estava desenvolvendo um trabalho na região, colaborando com a construção de um projeto para que Acari tivesse um ponto de cultura⁴ do governo federal. Somado a este fato, que é de suma importância, visto que facilitava a entrada no campo a partir dos contatos na comunidade, destacamos a existência da pesquisa do historiador e professor do Departamento de História da UFF, Professor Marcos Alvito, sobre Acari.

A tese de doutorado de Alvito, publicada como livro sob o título *As cores de Acari*⁵, servia como uma base da qual poderíamos partir para pensar as *lan houses* nesse território. Acrescente-se a esses fatos que a favela de Acari é extremamente estigmatizada, tendo reforçada uma imagem de pobreza e violência com a presença do tráfico. Surgia, então, o desafio de conhecer outra Acari.

Com o intuito de diversificar nossa reflexão, definimos o Santa Marta como segundo campo de investigação da pesquisa. Situada num bairro nobre da zona sul carioca, a favela mais íngreme do Rio de Janeiro foi a primeira a receber a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), servindo de modelo para a implementação do que se denomina uma política de segurança pública do governo estadual.

Assim, partindo do acompanhamento de duas *lan houses* situadas em Acari e no Santa Marta, analisamos seus impactos sociais nos territórios em que estão inseridas. Elegemos três pontos analisadores: o Estado, os donos das *lan houses* e seus frequentadores. Buscamos colocar em análise as apropriações e os efeitos que pudemos observar da existência de tais espaços nas favelas. Nesse contexto, escolhemos a *lan house* como dispositivo para reflexão acerca das políticas públicas no campo da segurança e da educação. Priorizando a dimensão qualitativa, o trabalho orientou-se pela valorização da experiência e do cotidiano para compreender a cultura popular a partir de suas significações no seio dos embates da indústria cultural.

Neste artigo nos propusemos, portanto, a compartilhar a análise de implicações que compõe a pesquisa em questão, realizada por uma das autoras deste artigo. No entanto, cabe lembrar que uma análise de implicações é sempre coletiva na medida em que nossas implicações são sempre uma composição de diversos atravessamentos que não nos pertencem como uma estrutura, mas como um arranjo em constante fluxo. Desse modo, há implicações comuns a todas as autoras no exercício que trazemos a seguir, visto que temáticas como as favelas, as resistências nesses territórios e as militâncias atravessam todas nós e nossos campos de trabalho e pesquisa, fazendo com que a análise empreendida não seja de ordem individual, mas coloque em cena questões

inerentes ao processo de pesquisar – questões que, na maioria das vezes, são descartadas para a confecção de um resultado ou texto final.

A análise de implicações

À deriva... foi assim que nos sentimos ao iniciar um trabalho de campo na favela. Múltiplos pertencimentos e múltiplos percursos foram tecidos durante o processo de pesquisar nesse campo. Desde o início de nossa investigação estávamos cientes de que nossa entrada em Acari e no Santa Marta não seria neutra.

Como uma tripulante que não dominava as regras de navegação, ou ainda, os trabalhos fora do arquivo e sim com pessoas, me permiti⁶ desligar o motor, aquietar os remos e sentir a correnteza. Ao me entregar ao balanço das ondas lembrei-me que estar à deriva não é paralisação – afinal, o próprio mar é movimento.

Destacando o cotidiano da investigação, atentos aos passos ziguezagueantes da pesquisa, como nomina Certeau (2012), apresentamos a discussão sobre nossa implicação na pesquisa.

Hoje fui ao hip hop no Santa Marta, uma atividade cultural e na minha opinião bem mais ligada a militância que a pesquisa. No entanto, eu havia resolvido que aproveitaria a oportunidade de estar no Santa Marta para visitar a lan house do Wagner e também tentar falar pela primeira vez com Gerson, dono da outra lan⁷.

Já cheguei tarde, por volta das 19h. Estava chovendo muito e eu acabei desistindo de ir na lan house do Gerson, fui direto para o hip hop no Largo do Cantão e em seguida fui a lan do Wagner que não estava pois tinha ido ao jogo do Flamengo. Voltei mais tarde e troquei poucas palavras com ele, na verdade eu não estava me sentindo pesquisando, mas apenas me aproximando. Por isso, ao chegar eu disse: “Passei apenas para dizer um oi”.

(...) problematizei meu questionamento inicial se a ida ao hip hop seria ou não pesquisa. Estou mais tendenciosa a achar que sim, seria pesquisa. Estou aos poucos conhecendo os moradores, os comerciantes, os becos e as vielas.

Durante o evento eu vi uma confusão separada pela polícia militar, tratava-se de um caso de violência doméstica em que o agressor foi levado para delegacia. Me impressionou a forma como os policiais abordaram as pessoas, a meu ver com um excesso de exibicionismo. Lá, ao ir ao banheiro de um dos bares, fiquei sabendo que eles estavam sem água há 3 ou 5 dias, segundo o dono do bar que desculpou-se pela situação.

Ou seja, habitei mais o mundo da minha pesquisa. (Diário de Campo. Santa Marta. 29.11.2009)

Trazer este relato é apresentar ao leitor os percalços que constituíram nosso caminhar. Atentos ao nosso próprio desconforto, registramos tais incômodos e aqui os resgatamos, pois uma pesquisa com as pessoas, e não apenas sobre elas, envolve desafios e requer constante análise.

O embate entre a pesquisadora e a militante, que pode ser percebido nas linhas de nosso diário de campo, exemplifica a constante inquietação durante a pesquisa. Mas o que deve entrar e o que deve sair quando compomos o relato de uma pesquisa? Qual a linha que define, quando estamos no campo, o que é pesquisar e o que não é?

Acerca de tais questionamentos, que permearam esta pesquisa, e a dúvida sobre a visibilidade que deveria ser dada a tal processo no trabalho final, o sociólogo francês René Lourau direciona sua crítica de forma irônica: “...é preciso salvar a imagem não contraditória do pesquisador e, conseqüentemente, da pesquisa. É preciso negar a contradição existente nele, em nós e em todos. É preciso, ainda, recorrer à lógica identitária, numa óbvia recusa a quaisquer análises desnaturalizadoras (Institucionais).” (LOURAU, 1993: 73)

Suas palavras, proferidas num curso sobre Análise Institucional ocorrido em 1993 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), indicam o paradigma de pesquisa com o qual se quer romper ao trabalhar com tais ferramentas. Assim, para além de identificar a inexistência da imparcialidade, questão já muito debatida no meio acadêmico, cabe então discutir, problematizar, analisar as implicações que constituem essa parcialidade.

A todo momento me vinha à cabeça a pergunta: o que estamos fazendo aqui? No linguajar no funk, estávamos “juntos e misturados”. Os desafios decorrentes dessa percepção foram e são muitos. A militância e a pesquisa se misturaram de maneira indissociável; recusamo-nos a tentar produzir uma situação laboratorial para fictícia separação desta mistura. Optamos por analisar essa imbricação e, nessa perspectiva, o diário de campo foi um instrumento indispensável, visto que: “O diário da pesquisa - que, por sinal, não é necessariamente, redigido todos os dias - reconstitui a história subjetiva do pesquisador. Mostra dentre outras coisas, a contradição entre temporalidade da produção pessoal e a institucional, ou burocrática.” (LOURAU, 1993: 78)

O silenciamento acerca de atividades no diário de campo denota a dificuldade de percepção, ao longo da pesquisa, do quanto havia de sobreimplicação neste processo. Cabe destacar que, como dito anteriormente, compreendemos como sobreimplicação um “afogamento” no território da pesquisa.

E assim, misturados e imbricados com o campo, vemos nosso fôlego se acabar, a lente para o mundo torna-se turva, e apenas a análise desse processo, funcionando como um salva-vidas, pode nos retirar desse afogamento.

Ao abordar o que chama de “dispositivos da sobreimplicação” na experiência de atuação dos psicólogos nos espaços do Juizado de Infância e Adolescência, Coimbra & Nascimento (2007) pontuam: “A partir de nossas experiências como supervisoras de estágio apontaremos aqui dois dispositivos que consideramos ter, em certos momentos, alimentado algumas práticas de sobreimplicação: questões relativas ao acúmulo de tarefas e à rapidez em dar respostas competentes tecnicamente.” (COIMBRA & NASCIMENTO, 2007: 30)

Ainda que o local de pesquisa tenha sido diferente, as contribuições das autoras nos tocam no que tange às movimentações das condições que acabam por inviabilizar o movimento de nado. Cansados de resistir à maré, por vezes sucumbimos e somos capturados por antolhos que diminuem nosso grau de transversalidade. É nesse momento que as muitas tarefas do trabalho, da pesquisa e da militância, acompanhadas da velocidade demandada pelos sujeitos que acolhem a pesquisa (moradores das comunidades estudadas), que querem um retorno prático sobre elas, nos afogam como num tsunami.

Para exemplificar, podemos trazer dois tsunamis ocorridos durante a pesquisa no ano de 2011. Trata-se, no primeiro deles, de um desentendimento ocorrido com um dos principais líderes comunitários de Acari e que foi figura fundamental para a realização da pesquisa nessa comunidade. É bem verdade que, desde o início, sabíamos que Jorge⁸ por vezes confundia as relações estabelecidas, recorrentemente “apaixonando-se” pelas pesquisadoras e/ou militantes, bem como sabíamos de seu tradicional posicionamento de cobrar que tudo deveria ser feito pela favela, já que a favela estava sendo o objeto de pesquisa.

No entanto, afogada no trabalho de campo, também misturei a amizade com a pesquisa e, quando cobrada por Jorge por não estar mais indo com tanta frequência a Acari, bem como não estar decidindo com ele o que deveria ou não ser feito em um dos espaços culturais da favela onde ele era um dos responsáveis, me senti extremamente desrespeitada.

Sendo chamada de “pesquisadora que mora no asfalto” e que “não entende nada de favela” e acusada de só querer tirar de lá informações para minha pesquisa, afetei-me, e muito, com toda esta confusão. Apesar de ter clareza de que meu vínculo com

Acari estava muito além de Jorge ou das visitas físicas à comunidade, senti-me cobrada e não compreendida. O que eu, na época, não pude perceber foi o quanto Jorge me possibilitava me deparar com minha sobreimplicação quanto ao envolvimento com a pesquisa e sua temática.

Lembro-me claramente que cheguei a afirmar para ele e um grupo de pesquisadores/amigos mais próximos que a favela não deveria ter dono e que mesmo não morando lá eu poderia, sim, organizar várias atividades naquele espaço – afinal, não preciso ser moradora para desejar e lutar por melhorias nas favelas. Hoje, conseguindo tirar a água do pulmão, olho para além do certo e errado, a fim de identificar em que medida o que Jorge me trazia era uma importante constatação: você está no rio, mas não é o rio.

Reforçando esta constatação vem o segundo tsunami, este bem mais fluido em termos de relato. Não se trata de um diálogo específico ou de um acontecimento em especial, mas sim de uma recorrente expressão presente nos encontros com os interlocutores da pesquisa do Santa Marta. A expressão era: “Tá sumida!”. Por vezes alternada ou complementada por: “Esqueceu da gente?”.

Essas frases são recorrentes no encontro entre pessoas que não se veem por algum tempo, o que era uma realidade. Assim sendo, por que isto me gerou tanto incômodo? O que havia se passado era de fato um abandono do campo de pesquisa ou um fechamento provisório, necessário para determinada análise?

A resposta que encontro é: isso desestabilizava minhas certezas em relação ao meu pertencimento a esses locais, ou ainda, inspirando-me nos conceitos de Guattari e Rolnik (2010), esse processo me desterritorializava⁹. Isso porque, como afirmam esses autores, “o processo implica a ideia de ruptura permanente com o equilíbrio estabelecido” (Guattari & Rolnik, 2010: 387). Podendo descolar-me da culpabilização oriunda da sobreimplicação, pude, então, compreender a importância desta ruptura, ainda que desconfortante.

Seguindo nessa ruptura, trazemos, por ora, um último relato de nosso diário de campo. Mais uma experiência de desterritorialização ou, retomando a imagem do afogamento, momento no qual a água saiu de nossos pulmões dando lugar ao ar, e o estranhamento de voltar a respirar nos toma num misto de susto e felicidade.

Hoje fui à lan house para entrevistar Nivaldo¹⁰. Quando cheguei ele ainda não estava lá. Como eu estava atrasada com muitas coisas de trabalho resolvi criar meu login na lan e acessar. Foi um momento importante para sentir os palavrões e a dinâmica que se altera quando eu

chego. Foram apenas 15 minutos, pois Nivaldo chegou e fomos fazer a entrevista. No entanto, esse tempo foi o suficiente para me fazer perceber que:

1-Ainda sou a estranha. Um menino pediu para o outro não xingar tanto porque eu estava lá.

2- Talvez eu também esteja vendo a lan house como fábula. (Diário de Campo. Santa Marta. 10/10/10)

As constatações acima me permitiram não apenas identificar algumas imbricações, como a inocência, ainda que não consciente, de pensar que eu estava totalmente misturada com o campo. O objetivo não era apagar minha presença para, com isso, relatar melhor o meio, e sim poder estar de uma forma diversa, compreendendo que minha presença como pesquisadora sempre será percebida, ainda que de maneiras distintas.

O que sinalizamos aqui é apenas a ponta de um iceberg que nos acompanhou durante toda a travessia desse mar. Na maior parte do percurso conseguimos segurar o timão, conduzindo o barco e dominando a maré; em outros momentos, nos deixamos levar por ela. Alguns arranhões marcaram nosso casco, algumas vezes caímos ao mar desequilibrados pelos movimentos bruscos das ondas ou inebriados pelo canto das sereias e quase nos afogamos. Nesses momentos, a análise de implicações como sinalizadora e/ou boia, evitou o afundamento de nós mesmos e da pesquisa.

As forças que pediram passagem nos quatro anos em que esta pesquisa foi se construindo puderam não apenas ser analisadas, mas constituir o relato da pesquisa, sobreviver a um registro de síntese, o que de alguma maneira indica que tais forças ganharam forma.

Em livro intitulado *Oficio de cartógrafo*, Jesus Martín-Barbero descortina o percurso de sua produção intelectual-acadêmica e chama atenção para uma cartografia que não é estática; ao contrário, dá visibilidade às rotas e aos movimentos, pois, afinal, “quem disse que a cartografia só pode representar fronteiras e não construir imagens das relações e dos entrelaçamentos, dos caminhos em fuga e dos labirintos?” (MARTÍN-BARBERO, 2004: 12).

Ainda nessa obra, na qual Martín-Barbero compreende-se como “cartógrafo mestiço”, o autor reserva um espaço especial, em sua introdução, para analisar o que denominou “Des-territorialização: os lugares desde os quais pensamos?”. Nesse subitem apresenta, em suas primeiras linhas, os locais onde o estudioso viveu: Espanha, Bogotá,

Bruxelas, Paris, Cáli, Madrid, Porto Rico, Barcelona, retorno a Cáli e a Bogotá, e por último Guadalajara, no México, destacando que “...o que esse périplo marca não são meras etapas de uma viagem, mas verdadeiras des-territorializações e re-colocações, tanto da experiência como do lugar desde onde se pensa, se fala, se escreve”. (MARTÍN-BARBERO, 2004: 28).

Nesse contexto, para além de um conceito relativo apenas à extensão de algum terreno ou, ainda, a um espaço delimitado de terra, Guattari e Rolnik (2010) se apropriam desta ideia de território para reinventar sua definição, como no trecho abaixo:

O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (Guattari & Rolnik, 2010: 388).

É nesta noção de território que nos ancoramos para pensar a cartografia nas pesquisas em Ciências Humanas. “Em linhas gerais, a tarefa central do cartógrafo é a de dar língua às forças que pedem passagem.” (VASCONCELOS, 2008: 29). Dito isso, assumimos nosso nomadismo e a aproximação com as ferramentas da Análise Institucional. Em constante processo de territorialização/desterritorialização, fomos construindo essa pesquisa nesse movimento que é como o próprio balanço das ondas, irregular e permeado por imprevistos.

Ancorando nas ilhas existentes e/ou produzidas, seguimos com nosso barco apropriando-nos da máxima de que “é sempre pelo compartilhamento de um território existencial que sujeito e objeto da pesquisa se relacionam e se codeterminam.” (ALVAREZ & PASSOS, 2009: 131). Fica patente que não pesquisamos sobre algo, mas *com* esses sujeitos e, nesse modo de pesquisar, objeto de pesquisa e pesquisador se forjaram em meio às interferências que essa mistura nos possibilitou.

Referências

- ALVAREZ, J & PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. IN: PASSOS, E., KASTRUP, V. & ESCÓSSIA, L. (orgs). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- ALVITO, Marcos. *As cores de Acari: uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

- BAREMBLITT, Gregorio. *Compêndio de Análise Institucional e outras correntes práticas*. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2002.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 10.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- LOURAU, René. Implication et surimplication. *Revue Du MAUSS*, nº.10, 4º trimestre, 1990. Tradução Ana Paula Jesus de Melo.
- _____. *Análise Institucional e Práticas de Pesquisa*. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.
- _____. Implicação e sobreimplicação. In: ALTOÉ, S. (Org.). *René Lourau: analista institucional em tempo integral*. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 186-198.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de cartógrafo. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- NASCIMENTO, Maria Livia do; COIMBRA, Cecilia. Análise de implicações: desafiando nossas práticas de saber/poder. In: Geisler, A. R. R.; Abrahão, A. L. e Coimbra, C. (Org.). *Subjetividade, violência e direitos humanos: produzindo novos dispositivos na formação em saúde*. Niterói: EDUFF, 2008. Disponível em <http://www.infancia-juventude.uerj.br/pdf/livia/analise.pdf> Acesso em 03.03.2013.
- PASSOS, Pâmella Santos dos. *Lan house na favela: cultura e práticas sociais em Acari e no Santa Marta*. Niterói, UFF, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2013. Tese de doutorado em História. MIMEO.
- VASCONCELOS, Michele de Freitas Faria de. *Loucos e homossexuais: consumidores como outros quaisquer. Um estudo sobre modos de subjetivação de relações homoeróticas em um CAPS de Aracaju-Se*. Dissertação de mestrado defendida no Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2008.

Alessandra Lacaz
Organização de Direitos Humanos Projeto Legal (ODH Projeto Legal)
E-mail: a.slacaz@gmail.com

Pâmella Passos
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)
E-mail: pamella.passos@ifrj.edu.br

Williana Louzada
Instituto Municipal de Assistência a Saúde Nise da Silveira (IMASNS)
E-mail: willianabr@gmail.com

¹ Tese de doutorado defendida por Pâmella Passos em abril de 2013, no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense.

² A transversalidade é um conceito cunhado por Guattari na década de 60. Indica um campo de possibilidades em um processo, quando toca tantos outros campos que não o específico desse mesmo processo. Contrapõe-se às ideias da verticalidade e da horizontalidade, propondo um pensamento/ato que transversaliza, operando cortes, os mais diversos, nas relações, processos, pesquisas, campos, pensamentos.

³ Adriana Facina foi professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da UFF e recentemente ingressou como professora adjunta no Museu Nacional da UFRJ. Suas pesquisas têm sido marcadas pelas temáticas da cultura popular a partir de um olhar antropológico.

⁴ Os pontos de cultura fazem parte do Programa do Governo Federal denominado “Cultura Viva” e que tem como principal objetivo descentralizar a produção cultural, fomentando e valorizando culturas locais. Maiores informações no link <http://www2.cultura.gov.br/culturaviva/ponto-de-cultura/> (Acesso em 30.06.2013)

⁵ ALVITO, Marcos. *As cores de Acari: uma favela carioca*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

⁶ Nesta parte do texto, os leitores podem se deparar com verbos conjugados nas primeiras pessoas do plural e singular, o que denota nosso conflito na hora da escrita, ao descrever momentos vivenciados presencialmente por uma das autoras, mas compartilhados e experimentados por todas, seja no compartilhamento de experiências, seja pela aposta filosófico-conceitual da multiplicidade e coletividade dos processos. Optamos por preservar as diferentes formas, sustentando nossos conflitos nesse processo, visto que nos interessa expor o processo muito mais que resultados.

⁷ Foram utilizados pseudônimos para os participantes da pesquisa, a fim de resguardar sua privacidade.

⁸ Pseudônimo

⁹ Os conceitos de territorialização e desterritorialização são também cunhados por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs vol.1* (1995), onde afirmam que o território “circunscreve, para cada um, o campo do familiar e do vinculante, marca as distâncias em relação a outrem e protege do caos. É ao mesmo tempo material e afetivo. Trata-se de um fora e um dentro, uma marca constituinte de um domínio, de uma permanência.” (LOUZADA, 2009, mimeo). A desterritorialização diz respeito à desconstrução de um território subjetivo, mas necessariamente é simultânea à construção de novos territórios subjetivos.

¹⁰ Pseudônimo